



Escola Moderna

N.º 7 • 6.ª série • 2019



Índice

7	
Editorial	<i>Sérgio Niza</i>
9	
Avaliação: como documentar o processo	<i>Alexandra Cruz, Margarida Rocha, Noémia Peres e Teresa Sousa</i>
16	
Projetos: construindo um percurso com sentido	<i>Carla Morais, Rita Pacheco e Susana Barbosa</i>
26	
Vivências partilhadas de dois grupos de jardim de infância pela correspondência	<i>Sofia Henriques e Vera Bispo</i>
37	
A aprendizagem por projetos na educação pré-escolar	<i>Íris Neves</i>
51	
A multiplicidade dos circuitos de comunicação do jardim de infância	<i>Maria do Carmo Mendes, Mónica Ricardo e Rita Mendes</i>
59	
Projetos: construir o conhecimento em democracia	<i>Joaquim Liberal</i>
67	
O trabalho de texto na iniciação formal à escrita	<i>Maria Eugénia Jesus</i>
74	
O trabalho de aprendizagem orientado por projetos	<i>Helena Moreira</i>
81	
A entrada na profissão no contexto do Movimento Escola Moderna	<i>Cláudia Pereira</i>

- 99
Falar, ler e escrever para desenvolver
a educação literária
Joaquim Segura
- 117
Aprender a comunicar na sala de aula
Marina Canuto
- 128
Percurso de trabalho na disciplina
de História e Geografia de Portugal
Elsa Marques Afonso
- 136
A vivência do Tempo de Estudo Autónomo
na disciplina de Português
Marina Lopes
- 148
Construção de produtos culturais
no grupo-turma:
por uma educação digital
Maria de Jesus Pinto Fernandes
- 159
À descoberta de atividades de aprendizagem
inovadoras para a poesia de Camões
Fernanda Lamy
- 169
Construção de identidades reflexivas
em comunidades de formação cooperativa
Helena Noronha Ribeiro
- 194
Autoformação cooperativa num grupo online
*Ângela Costa, Cármen Correia, Esmeralda Raminhos,
Helena Silva, Maria Eugénia Jesus, Marta Louseiro
e Sandra Ribeiro*
- 215
A gestão cooperativa do currículo
como forma de socialização democrática
*Conceição Fernandes, Joana Filipe, Joaquim Liberal
e Marta Louseiro*
- 235
Formação, reflexão e ação:
7 anos de experiência(s) enquanto formador
no Ensino Profissional
Luís Dinis

Editorial

Sérgio Niza

Lembrar António Sérgio

Correu em quatro de janeiro de 1969 a morte de António Sérgio. É um dos nossos pensadores e ativistas sociais de referência. A propósito do cinquentenário que evocamos, vários encontros de reflexão e debate têm vindo a desenrolar-se ao longo deste ano, para celebrar o homem e a sua extensa obra de intervenção escrita.

Nasceu em Damão (Índia), onde o pai era governador, em três de setembro de 1883. Vasco de Magalhães-Vilhena (1975), referindo-se a ele diz que “à maneira dos gregos, a filosofia de Sérgio é essencialmente uma pedagogia social, ou, mais propriamente uma paideia” (p. 97).

Dediquei-lhe um lugar especial na minha conferência de abertura do nosso 32.º Congresso do Movimento da Escola Moderna, na Universidade de Évora, em julho de 2010, a propósito das comemorações do centenário da República.

Volto de novo a falar-vos dele, agora mais sucintamente, para continuar a falar também de nós. Escolhi três tópicos do discurso sergiano sobre a educação: Democracia, Trabalho (talvez lhe chamássemos hoje participação pelo trabalho) e Autonomia.

A Democracia aqui invocada é aquilo que entre nós se refere à socialização democrática, designação mais capaz de apreender os esforços orientados para o desenvolvimento sócio-moral das crianças e dos jovens com os quais trabalhamos. Fazêmo-lo numa formação intelectual em cooperação, isto é, construindo em conjunto o caminho solidário e justo para a democracia a instituir-se a cada passo nas nossas aulas.

Para António Sérgio (1954) “a base da Democracia é a *virtude*, como já afirmava o Montesquieu, isto é: a moralidade cívica de todos nós. Antes de ser um regime político, é a Democracia uma atitude moral; e a maneira de preparar um vi-

ver democrático não é diretamente pela política, mas sim indiretamente pela ordenação do espírito” (p. 294). Pela partilha inter-mental que resulta do nosso viver em “democracia interativa”, diríamos nós, para dar conta de como se faz avançar a organização mental num ambiente cultural de continuada cooperação e diálogo. Cooperação e Diálogo são os instrumentos mediadores da Democracia em devir. E avança Sérgio (1954), que [d]eclara por isso o nosso Proudhon: “Democracia é demopédia; Democracia é educação do povo” (p. 295). Diríamos hoje que a construção da democracia é a construção da educação com todos nós, sem exclusões nem desalentos.

É sobretudo no seio das estruturas de cooperação, onde todos partilhamos tudo o que é necessário a cada um dos outros para atingirmos objetivos comuns, que se compreende melhor o que é, na vida de cada um, a democracia a revelar-se.

O trabalho que tece a educação e a liga à vida social e económica do lugar a que cada escola pertence vem a António Sérgio do estudo privilegiado de George Kerschensteiner e da sua Escola do Trabalho que no seu tempo, com frequência, se confundia com a Escola Ativa: uma escola governada por estruturas promotoras de atividade efetiva e produtora de bens culturais ou de interesse social para a comunidade local.

Dizemos nós, seguindo hoje a obra que nos legou Jerome Bruner, produzindo obras, isto é, produtos orientados pelo princípio da exteriorização que dá visibilidade ao que podemos idealizar e que em conjunto planeamos, para que o possamos partilhar difundindo-o, fazendo-o circular, na escola como fora dela, de forma alargada, acrescentando significação e identidade a todo o trabalho intelectual ou manual que em grupo cooperativo contratualizamos.



Quando aproximo a participação, ao sentido do trabalho sergiano, é porque, quer com Barbara Rogoff, quer com Wenger na teorização das comunidades de prática, é o trânsito dos alunos, através da sua atividade contextualizada, da periferia da atividade social para o centro dela, que o trabalho de aprendizagem, enquanto socialização, se processa.

A total dependência (heteronomia) e sujeição em que vivem os alunos, desde há séculos, nas escolas, o que tanto desesperava António Sérgio, tal como hoje nos continua a desesperar a nós, fê-lo procurar as formas mais produtoras de autonomia de entre os modelos de autogoverno (*self-government*) que constituíam algumas das experiências mais avançadas do importante movimento da educação nova.

No VII volume dos *Ensaio*s, lança-nos Sérgio (1954) um desafio incontornável: “A heteronomia [...] pode ser um processo de domesticação de bichos: mas só na autonomia – e pela autonomia – se realiza uma verdadeira educação para homens” (p. 271) e mulheres.

Em 1923, aquando da sua curtíssima passagem pela pasta da Instrução Pública, a sua fervorosa atividade na promoção do movimento cooperativo português, fá-lo tentar influenciar, Álvaro Castro, Presidente do Conselho de Ministros, para que fizesse alguma coisa pelo movimento cooperativo.

Lembra Sérgio (s/d) que:

Estávamos em 1923. Nesse mesmo ano, em França, dava-se um acontecimento que me interessava muito. Sob a inspiração do inspetor Profit, instituía a diretora de uma escola primária (em Saint Jean d’ Angely) – a primeira cooperativa escolar.

Interessava-me tanto por esta nova ideia, não só pelo que de início em si já era como instrumento de realização pedagógica (no sentido mais restrito desta palavra), mas por aquilo que poderia ser – desenvolvida e aprofundada – como instrumento de renovação social (p. 49).

Pena é que António Sérgio não tenha podido contar com uma cooperação educativa através de um movimento cooperativo nas escolas, como conseguiu Profit, desde 1918, inicialmente para envolver os alunos na reabilitação das suas

próprias escolas devastadas pela 1.^a Grande Guerra.

Sérgio, porém, já se tinha batido pela fundação de Municípios Escolares, em 1915, através da sua Educação Cívica, muitos anos antes daquilo que julgou ser a primeira cooperativa escolar em França, em 1923.

O que importa, no entanto, foi o entusiasmo posto na nossa tradição municipalista, para, seguindo a forma das *Junior Republic* de William George e o *School-City System* de Wilson Gill, pôr à disposição dos professores portugueses a organização de Municípios Escolares, onde os alunos poderiam vir a aprender o currículo académico, através de processos de socialização democrática, pela educação cívica (moral) vivida em participação criadora.

Eu próprio usei, com prazer compartilhado mas em risco evidente, em ditadura, o modelo municipal de educação de António Sérgio, no ano letivo de 1963/64, em Évora, na Escola masculina do Rossio, com um 2.º ano de ensino primário, tendo-lhe retirado os órgãos de polícia e tribunal, a caminho de situações mais diretas de discussão e reflexão sobre os conflitos e os problemas, cuja complexidade assegura melhores oportunidades educativas pelo exercício do diálogo negocial.

Infelizmente, os modelos de auto-governo da educação nova, no afã de imitarem instituições político-administrativas de democracia liberal, pareciam acentuar a ambivalência que causa toda a sofisticada engenharia social que nos esmaga hoje, mais ainda do que no século passado.

A obra de António Sérgio continua disponível e pronta a cativar-nos para a reflexão crítica tal como ele sempre nos desafiou.

Referências bibliográficas

- Bruner, J. (1996). *A cultura da educação*. Lisboa: Edições 70.
- Magalhães-Vilhena, M. (1975). *António Sérgio, o idealismo crítico e a crise da ideologia burguesa*. Lisboa.
- Sérgio, A. (1954). *Ensaio*s VII. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Sérgio, A. (s/d). *Sobre a Educação Primária e Infantil*. Lisboa: Inquérito.

